

AS CONTRIBUIÇÕES DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ENQUANTO COMPONENTE CURRICULAR NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM LETRAS-LIBRAS

CAMYLLA OLIVEIRA SANTOS

Graduando do Curso de Letras Libras da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, camylla.santos@fale.ufal.br;

THAIANY DE FREITA ALMEIDA

Graduando pelo Curso de Letras Libras da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, thaiany.almeida@fale.ufal.br;

MARIA ANGÉLICA DA SILVA

Doutora em Educação (UFPE). Professora da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, maria.angelica@fale.ufal.br

1. INTRODUÇÃO

O componente curricular obrigatório “Planejamento, Currículo e Avaliação da Aprendizagem” (PCAA) compõe o núcleo de formação pedagógica do curso de licenciatura em Letras-Libras da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), ofertada no 4º período, carga horária total de 72h, e visa discutir a importância do currículo e da avaliação no contexto do planejamento da prática pedagógica docente, as perspectivas teóricas implicadas nestas dimensões e suas repercussões explícitas e implícitas na educação brasileira.

Por termos cursado-a durante o Período Letivo Excepcional (PLE), as aulas síncronas ocorreram semanalmente às quintas-feiras por meio da plataforma *Google Meet*, com duração de 1 hora e 30 minutos. As discussões foram conduzidas com a mediação da professora encarregada e embasadas nos textos selecionados e disponibilizados antecipadamente para leitura. Assincronamente, eram realizadas atividades complementares em fóruns do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). O material utilizado contemplava diversos referenciais teóricos sobre as teorias de currículo, níveis e perspectivas de avaliação e sobre a construção e tipificação do planejamento.

Os aspectos abordados neste componente são intrínsecos às atividades de ensino, no entanto vamos delimitar este relato a dimensão avaliativa, compreendendo sua relevância na construção curricular e na mobilização do planejamento, como fonte de conhecimento e ação (MENDEZ, 2002) no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, temos o objetivo geral de discutir sobre os aspectos teórico-conceituais em torno da avaliação da aprendizagem mobilizados no processo de ensino-aprendizagem, no âmbito do componente curricular PCAA ofertado no Curso de Licenciatura em Letras-Libras da FALE - UFAL e suas contribuições para a nossa formação enquanto futuras professoras.

2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Escolhemos a avaliação como componente para este relato porque a entendemos como uma atividade que permeia todo o trabalho docente, não somente em seu uso mais comum e pragmático, que é a avaliação em forma de exames e provas, mas sim como uma estratégia para pensar e repensar o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que “precisamos praticar a avaliação como outra forma de aprender, de ter acesso ao

conhecimento” (MENDEZ, 2001, p. 81), ou seja, é por meio desta prática que o professor será capaz de avaliar não para excluir ou classificar, mas como método formativo.

É importante destacarmos que a avaliação precisa trabalhar a favor de quem aprende, é um mecanismo de aprendizagem que tem por objetivo fazer com que o discente se aproprie do saber, e para que este saber contribua para o seu processo de formação. Tendo em vista a diversidade de objetivos que pode atender, a avaliação pode ser realizada por meio de diversos instrumentos, métodos e técnicas, que se expandem além dos métodos tradicionais, capazes de serem direcionadas a uma gama de situações e públicos diferentes. Partimos desta problematização para balizar o objeto deste relato, a saber: o papel das discussões em torno da avaliação da aprendizagem como arcabouço pedagógico e político na formação de professores.

Como professoras em formação entendemos o processo avaliativo como uma oportunidade de transformar a realidade de um sujeito, uma vez que a avaliação escolar reflete as relações de poder que existem em nossa sociedade (FREITAS, 2009, p. 8). O professor atua em sala de aula, e esta última, por sua vez, está inserida em um espaço mais amplo que é a escola. Por essa razão, a avaliação além de compreender os objetivos da escola, incorpora os objetivos sociais que se tem para a escola, ou seja, sua função social. Assim sendo, precisamos questionar os objetivos escolares e romper com práticas avaliativas que disseminem desigualdades, construindo a noção de que a sala de aula também constitui um espaço de resistência importante para a busca de melhorias sociais (FREITAS, 2009, pp. 19-21).

As práticas de avaliação, quando se resumem a instrumentos que verificam o domínio de conteúdos expressos na forma de nota ou classificação e acontecem no final do processo de ensino-aprendizagem, reforçam uma relação utilitarista com o conhecimento e o transforma em mercadoria, como adverte Freitas (2009). Apesar de tais práticas serem mais tradicionalmente aceitas, elas ocorrem concomitantemente com outras práticas que são ditas informais. Práticas informais, mesmo que não sejam registradas nas formas de números e não aconteçam em momentos pré-determinados, a exemplo de verificação do comportamento de estudantes, também contribuem para o registro das avaliações formais e possuem sua importância para o desenvolvimento do aluno (FREITAS, 2009, pp. 8, 26-28).

Por isso, a avaliação precisa se caracterizar como um processo contínuo e emancipatório pautado no ensino-aprendizagem como ponto de partida e ponto de chegada, conduzindo professores e alunos, sujeitos da avaliação, a processos de conhecer, decidir e transformar suas práticas a partir de processos avaliativos em que se articulem os objetivos a serem alcançados e as metodologias empreendidas. Deste modo, a própria avaliação vai compreender uma atividade de aprendizagem, tanto para quem ensina, mas principalmente para quem aprende (MÉNDEZ, 2001, pp. 82, 83).

A partir do momento em que temos consciência da forma como a avaliação acontece e de como afeta a organização do trabalho pedagógico, podemos transgredir com os objetivos excludentes e legitimadores de poder dentro da sociedade e da escola, de modo que a avaliação seja reinventada e torne-se um processo de inclusão, acolhimento e desenvolvimento do aluno (FREITAS, 2009; LUCKESI, 2000). A avaliação pode também consistir em uma prática de autoconhecimento que reflita em um progresso no caminho da docência, visto que conhecer o processo avaliativo nos permite identificar suas limitações, e também tomar conhecimento das suas possibilidades de atuação (FREITAS, 2009; MÉNDEZ, 2001).

3. RESULTADOS

Frente às discussões empreendidas no componente curricular, vimos que na atual conjuntura das políticas curriculares, as práticas avaliativas meramente quantitativas, que medem por meio de números o desempenho do aluno, ignoram os processos de formação intelectual, justificando e reproduzindo a exclusão social com propósitos elitistas nos processos de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, romper com as práticas tradicionais de avaliação são desafios atuais, pois são diversos os mecanismos de controle que diminuem a autonomia do professor em sala de aula e regulam o processo de ensino-aprendizagem em face do interesse de controle dos resultados educacionais.

Nesse sentido, enquanto professoras não podemos tornar as avaliações quantitativas o alvo do processo de aprendizagem, visto que essas não conseguem avaliar todas as dimensões do conhecimento e da formação. Quando se avalia para conhecer, concebemos a avaliação formativa, fazendo reflexões críticas sobre todo o processo de aprendizagem e

atuando de maneira justa e fundamentada, colocando a avaliação à serviço de quem ensina e de quem aprende.

No decorrer das aulas fomos convidadas a pensar e repensar todo o componente curricular e acabamos sendo direcionadas para a dimensão da avaliação, uma vez que estudando e convivendo diariamente com pessoas surdas, somos capazes de perceber a importância de uma avaliação que acolha o aluno em toda a sua complexidade e condição distinta, transformando a prática de avaliação em uma constante busca por conhecimento na construção do processo de ensino-aprendizagem.

Enquanto professoras em formação de Letras-Libras, refletimos que é necessário delinear objetivos dentro das especificidades da nossa sala de aula, e assim planejar futuras ações docentes, que sejam adequadas àquele sujeito que pretendemos formar. Isto significa tornar a avaliação uma aliada que, ao diagnosticar as lacunas e as necessidades dos alunos, vai nos oferecer embasamento para qualificar a aprendizagem destes alunos e, apropriadamente, escolher os mecanismos que vão se adequar à realidade educativa deles. Nessa perspectiva, a avaliação é trabalhada no sentido do aprendizado e não o aprendizado que é trabalhado visando à avaliação no mero sentido quantificável e classificável.

Portanto, entendemos que a avaliação não é um ato neutro, pois implica em um processo de diagnóstico e decisão, ou seja, posicionamento frente à realidade educativa. O diagnóstico envolve adequar os instrumentos, métodos e técnicas utilizados com o que se almeja avaliar para produzir dados relevantes, e a decisão nos leva a estabelecer o que será feito com o diagnóstico, a partir de nossas intencionalidades educativas. Não se fixa um ponto de chegada porque a avaliação em si é um caminho, que se tomado em companhia do aluno, conduz a uma prática avaliativa acolhedora.

REFERÊNCIAS

ÁLVAREZ MÉNDEZ, Juan Manuel. **Avaliar para conhecer:** examinar para excluir Tradução de Magda Schwartzaupt Chaves. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Avaliação Educacional:** Caminhando pela contramão. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem?** Pátio. Porto Alegre: ArtMed, Ano 3, nº 12, fev/abr, 2000.